

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1299 - 04/05/2015 a 10/05/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares



CAR: CADÊ O \$\$\$ DO MINISTÉRIO?

DÓLAR

.....
A Flutuação
dos custos da safra

HISTÓRIA

.....
Pero Vaz
de Caminha

ÁGIDE MENEGUETTE

.....
A palavra
do Presidente

Aos Leitores

Trata-se de identificar, mapear e cadastrar o que existe dentro de cada uma das propriedades rurais existentes neste país. O instrumento para isso é o Cadastro Ambiental, o já famoso CAR, que servirá ao Programa de Regularização Ambiental. Ele deve ser feito pela Internet acessando-se o SICAR – o Sistema do CAR.

Aí reside o problema. Se você julga complicado, por exemplo, preencher a Declaração do Imposto de Renda, tormento de todo início de ano, pergunte a quem tentou ou fez o CAR. Primeiro que há milhares de produtores, que sequer tem acesso à Internet, e o preenchimento, como diz a matéria principal desta edição, é uma Via Crucis.

Para enfrentar essa tortuosa via é preciso paciência e treinamento. A FAEP já treinou cerca de 2 mil pessoas nessa tarefa para auxiliar os produtores em todo o Estado. Mas, de repente, a ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, em declarações à imprensa, em Londrina, dia 17 último, afirmou que foram distribuídos R\$ 400 milhões e treinados 40 mil instrutores.

O IAP, o órgão ambiental do Paraná, não recebeu um tostão e diz isso em Nota Oficial.

Então, cadê o \$\$\$ do treinamento do CAR?

Índice

CAR	03
Peso do Dólar	06
Medalha a Bandoleiro	09
Retrato do Paraná	10
Ágide Meneguette	12
História - A Carta de Pero Vaz de Caminha	14
Áreas Declivosas	16
Aliança Láctea	19
Seguro Rural	20
Ovinocultura	22
Plástico para Alimentos	25
Avicultura	26
Jaa-Colégios Agrícolas	28
Leitor em Foco	31
Legislação/Notas	32
Notas	34
Eventos Sindicais	36
Via Rápida	38

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:**

Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da edição 1299: Fernando Santos, Toninho Anhaia, Flavio Ubialli, Milton Dória, Lineu Filho, Arquivo FAEP e Divulgação.

Ministério esqueceu o \$\$\$ do Paraná

Ministra diz que Estados receberam R\$ 400 milhões para treinamento do CAR, mas no Paraná ninguém sabe, ninguém viu



Ministra Izabella Teixeira e Luiz Tarcísio Mossato Pinto presidente do IAP

O uso do cachimbo deixa a boca torta. O antigo provérbio se adequa aos costumeiros hábitos da marquetagem oficial que anuncia projetos e obras grandiosos, logo desmanchados pela realidade.

Na manhã do último dia 17 de abril, na ExpoLondrina, a ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, em busca de uma justificativa para a não prorrogação do prazo do Cadastramento Ambiental Rural (CAR), (veja página 04 “Dilma passa a bola”), afirmou:

- “Os Estados receberam R\$ 400 milhões e foram treinadas mais de 40 mil pessoas para o cadastramento”.

A declaração ecoada pela mídia e no Caderno de Agronegócios da Gazeta do Povo, levou o presidente do Instituto

Ambiental do Paraná (IAP), Luiz Tarcísio Mossato Pinto a esclarecer que as coisas não foram, nem são bem assim. Em uma “Nota de Esclarecimento”, ele foi claro:

- “O Estado do Paraná não foi contemplado com repasses de recursos”.

Tarcísio lembrou que o Paraná, através do IAP, apresentou ao Ministério do Meio Ambiente três projetos técnicos solicitando recursos financeiros para melhorar e auxiliar os proprietários rurais na realização e adesão ao CAR e para apoiar o Programa de Regularização das Propriedades Rurais (PRA). “Ao todo”, informou, “os projetos solicitam o aporte do governo federal de aproximadamente R\$ 140 milhões”.

Mesmo com a importância agrícola do Paraná no contexto nacional e com a condição fundiária da maioria das pequenas propriedades rurais (mais de 530.000 imóveis), “até a presente data nenhum recurso foi liberado para o governo do Estado do Paraná em apoio ao CAR e ao PRA”, esclareceu o presidente do IAP.

Mesmo sem nenhum aporte de recursos financeiro do governo federal, o Paraná é o 3º Estado do Brasil em números de cadastros realizados até o dia 28/04. Segundo Tarcísio, “mais de 90.000 cadastros foram realizados, graças aos esforços das instituições e parcerias com os setores privados organizados e motivados com a importância que o CAR representa para a agricultura paranaense”.

Esse número, porém, significa apenas 18% do total dos produtores do Estado, e se o Paraná é o terceiro em volume de cadastramentos, pode-se imaginar a situação dos demais.

Das “40 mil pessoas treinadas” citadas pela ministra, em Londrina, estão contabilizados pelo IAP alguns servidores do ministério que vieram ao Paraná e “capacitaram cerca de 30 técnicos para orientar os proprietários rurais”.

“Em contrapartida, o governo do Estado, em parceria com entidades do setor e sindicatos rurais, capacitou mais de 3 mil pessoas para auxiliar os proprietários rurais na realização do cadastro”, diz a “Nota de Esclarecimento”.



Dilma passa a bola



Convenhamos que ultimamente não tem sido fácil ao governo federal criar boas notícias. A ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, que negou (em Londrina, dia 17.04) a prorrogação do prazo para a apresentação do Cadastro Ambiental Rural (CAR), voltará atrás.

No Diário Oficial do último dia 30, a Presidente Dilma Rousseff delegou à ministra Izabella a competência para prorrogar o CAR. Ou seja, sete dias depois, pressionada pela FAEP, por outras entidades e parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária, caberá a ela, com o uso de bom senso, assinar a Portaria da prorrogação do Cadastro. Isso está inclusive previsto na Lei nº 12.651/2012, que em seu artigo 29, parágrafo 3º, prevê a prorrogação do CAR por um ano, a partir de 06.05.2015, pelo chefe do executivo. Em resumo, Dilma passou a bola.

Como explicou este Boletim na última edição, o preenchimento do CAR é uma verdadeira Via Crucis. O próprio governo não cumpriu os prazos previstos no Decreto nº 8.235 (de 05/05/2014, que regulamenta a legislação ambiental) assinado pela Presidente da República e pela ministra do Meio Ambiente. Afinal, em um ano foram oito versões da chamada Plataforma de Preenchimento do CAR.

Centenas de produtores notificaram a FAEP das dificuldades em acessar o Programa na internet, inclusive com depoimentos em que, formalizado o preenchimento, o Programa se recusava a emitir o respectivo recibo. O sistema estava permanentemente congestionado pela alta procura e havia a singela preocupação de produtores que simplesmente não tem acesso à internet.

O IAP esclareceu que “a instabilidade do sistema para cadastramento das propriedades no CAR é nacional, gerenciado pelo Governo Federal. Portanto, o Estado não tem autonomia para melhorar sua agilidade e impedir os transtornos técnicos citados por muitos proprietários rurais ao IAP e sindicatos”.

A repercussão da posição da FAEP

De forma sistemática, a FAEP atuou na busca de uma decisão do governo federal para ampliar o prazo até 05 de maio de 2016. Foram vários ofícios dirigidos à ministra Izabella Teixeira e mobilização do meio político, como a Frente Parlamentar Agropecuária (FPA) e bancadas do Paraná no Congresso.

Essa firme posição da FAEP em defesa dos produtores acuada não só pelo prazo, mas pela inoperância do sistema de cadastro do CAR, feito exclusivamente pela internet, repercutiu na mídia e nos meios políticos. No último documento relatando o cenário do cadastramento no Paraná, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette alertava que a não prorrogação causará um imenso problema a mais de 4,5 milhões de produtores rurais do país, número aproximado daqueles que não conseguiram cadastrar suas propriedades.

“Já enrolado na economia, na política e com vários setores da sociedade, não parece ser interessante ao governo Dilma se enroscar desta vez com quem ainda oferece saldos positivos à Nação”, lembrou o presidente da FAEP em ofício à ministra do Meio Ambiente.

“São vários os motivos dessa baixa adesão ao CAR. O primeiro deles é o limitadíssimo acesso à Internet no interior do país que quando existe é de baixíssima qualidade. O governo

federal vem anunciando há anos o acesso universal à internet para todos os brasileiros e a situação continua a mesma”, disse.

Além disso, a corrida contra o tempo provocou um grande número de preenchimentos errados para cumprir a data, que vai gerar problemas quando da análise dos documentos enviados.



FAEP treina 2.000

O Sistema FAEP/SENAR-PR vem realizando um grande esforço no sentido de capacitar facilitadores para atender proprietários rurais, muitos dos quais nem sabem ainda da existência da obrigação do CAR. Foi possível agendar a capacitação de funcionários de 176 prefeituras municipais, as quais possuem as melhores condições de internet para permitir o preenchimento e envio dos cadastros.

Além dessas prefeituras, cujos funcionários serão capacitados por instrutores do Sistema FAEP/SENAR-PR, duas mil pessoas foram treinadas: sindicatos, instrutores do SENAR-PR, terceiros, polícia ambiental, advogados, cartórios e funcionários de bancos.



O peso do dólar

Alta da moeda norte-americana cobra seu preço, impactando principalmente os fertilizantes. Mas insumos que não são negociados em dólar também subiram de preço

Por André Amorim



Salvação da lavoura ou crise anunciada? O dólar alto que garantiu bons ganhos para os produtores que venderam soja no mercado internacional este ano é o mesmo que agora inflaciona o custo dos insumos básicos para as culturas de inverno no Paraná.

A moeda norte-americana chegou a bater R\$ 3,30 em 2015, impactando principalmente o preço dos produtos importados, como fertilizantes e defensivos, e elevando os custos de produção da agricultura. No que se refere às culturas de inverno, como o trigo, que já sofreram o efeito da desvalorização cambial, de acordo com levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), houve um aumento de 12% nos custos de produção na comparação entre março de 2014 e janeiro de 2015 (a mais recente disponível até o momento), tomando como base a região de Cascavel. Os fertilizantes, que são praticamente todos importados, marcaram alta de 12,7% no período. Vale lembrar que estes são os aumentos mínimos, que tomam como base de comparação janeiro deste ano, quando o dólar ainda estava na casa dos dois reais. Quem adquiriu insumos nos meses seguintes pagou bem mais caro.

Outra análise vem do Centro de Estudos Avançados

em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP). Segundo o informativo mensal de insumos agrícolas, na região de Londrina os fertilizantes potássicos tiveram alta de 30% entre março de 2014 e março de 2015. No caso dos fosfatados a valorização nestes 12 meses foi de 27%. Da mesma forma, o preço dos fertilizantes nitrogenados (ureia) subiu 14% na região.

Se na matemática dos economistas o impacto é grande, é maior ainda para quem planta e sente no bolso a diferença no preço dos insumos. “O aumento no preço dos fertilizantes é diretamente proporcional ao dólar”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, que estima um aumento entre 20% e 25% nos preços em relação ao ano passado, “O fertilizante nitrogenado não aumentou tanto porque ele está ligado à cadeia do petróleo, que caiu de preço”, completa.

Consequência deste cenário, a expectativa é que a área para o plantio de trigo seja reduzida no Estado. “A Seab falou em redução de 2%, 3%, mas deve ser mais. Além da questão do dólar, o preço de venda do trigo está abaixo do custo de produção e ainda tem trigo da safra passada estocado”, analisa o dirigente.

Sem entusiasmo com o trigo

Em 2014 o Paraná produziu 3,7 milhões de toneladas do cereal, liderando a produção nacional. O Estado também passou a ser o primeiro na moagem do grão e na produção de farinha, mas o entusiasmo do paranaense com o trigo vem sofrendo baques consecutivos, se não pela alta nos insumos, pelas políticas adotadas pelo governo federal de liberar a importação do cereal de países de fora do Mercosul, no exato momento em que nossos produtores estão colhendo a sua safra. Além de um desrespeito, um tiro no pé, uma vez que desestimula a continuidade e a expansão da produção.

Em outras regiões no Paraná o impacto da alta do dólar também está puxando para cima os custos de produção do trigo. Na percepção do vice-presidente do Sindicato Rural de Teixeira Soares, Cleberson Lima, o preço dos fertilizantes aumentou entre 25% e 30% na comparação com o ano anterior. Triticulor há 13 anos, ele se questiona se o cereal vai fechar a conta no ano que vem. “Até o ano passado eu pensava em plantar uma área maior, mas com essa alta nos preços desisti”, conta.

Além dos fertilizantes, Lima notou um aumento expressivo no preço de outros insumos como defensivos agrícolas. “O fungicida judiou muito, um produto que custava R\$ 250,00, hoje está R\$ 400,00”, afirma. Quando a reportagem foi feita, muita gente na região, inclusive ele, ainda não havia comprado fertilizantes, na esperança de uma possível queda no preço do insumo, mas existe limite para adiar a decisão para não comprometer a produção. “Não tem jeito, vou ter que bater o martelo semana que vem”, observa o produtor.

Cautela

A variação do câmbio também mudou o comportamento das empresas que importam fertilizantes no Brasil. “A escalada do dólar deixa o industrial mais cauteloso, até porque o agricultor também é assim, principalmente quando lida com commodities negociadas internacionalmente”, observa o gerente executivo do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado do Paraná (Sindiadubos-PR), Décio Gomes. Segundo ele, a variação cambial implicou num volume de importação menor nos primeiros meses do ano. As empresas que antes traziam grandes volumes de fertilizantes para depois comercializá-los, agora trazem somente aquilo que já está contratado.

Nos portos paranaenses – porta de entrada de mais da metade dos fertilizantes no Brasil –, entre janeiro e março houve uma redução de 8% no volume de importação de fertilizantes em comparação a 2014, o que corresponde a 171 mil toneladas a

menos destes produtos.

Mesmo com a redução, Gomes afirma que o risco de faltar fertilizante é pequeno, pois existe um estoque de 5 milhões de toneladas, capaz de sustentar a demanda brasileira por quase dois meses. “Esse estoque que vai acabar regulando a oferta e demanda do produto”, explica.

Segundo levantamento da consultoria INTL-FCStone a ascensão do dólar nos últimos meses elevou os preços dos fertilizantes nitrogenados (sulfato de amônio e ureia) em Paranaguá em 25%. Da mesma forma o fertilizante fosfatado (MAP) aumentou 30% em relação ao ano passado, enquanto a cotação para o cloreto de potássio avançou 23% em relação a 2014.



Pesando no bolso

Vale lembrar que os produtos negociados em dólar não foram os únicos insumos que subiram de preço neste período. De acordo com a Seab, entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2015, o custo do óleo diesel - que impacta diretamente a colheita e o transporte dos grãos -, marcou alta de 10,9%.

E a sangria do bolso do produtor não para por aí. Segundo dados da Conab, entre março de 2014 e janeiro de 2015, a operação de máquinas experimentou alta de 6,61%; os defensivos agrícolas subiram de preço 5,70%; os juros para financiamento tiveram alta de 13,8% e a mão de obra (sem incluir aí o custo administrativo) aumentou espantosos 75%.

Esta não é uma exclusividade do Paraná. Segundo

o analista da Embrapa Agropecuária Oeste, Alceu Richetti, a previsão é que o dólar tenha um impacto de cerca de 30% no custo de produção da soja. De acordo com ele, o custo total médio por saca produzida na safra 2014/2015 foi de R\$43,00 por hectare. Na próxima safra, os cálculos realizados, com taxa de variação cambial estimada de R\$-3,044, o valor deverá saltar para R\$ 55,75.

Para fugir da alta de alguns insumos, uma das alternativas é adquirir antecipadamente os produtos cuja cotação está mais diretamente ligada ao dólar. Porém a escassez de crédito pré-custeio dificultou esta estratégia em algumas regiões. “Os recursos estão mais raros, e com isso o produtor não consegue antecipar as compras”, observa Botelho, de Guarapuava. “Para a próxima safra verão ainda não saiu nada”, completa.

Dólar alto salvou preço da soja em reais

Diz a medicina que o remédio e o veneno são a mesma substância, porém em dosagens diferentes. Ou seja, aquilo que pode curar, também pode matar se não for empregado corretamente. Na economia esta analogia pode ser aplicada em muitos casos. O dólar alto que está pesando no bolso dos produtores na hora de adquirir insumos, foi o mesmo que garantiu os rendimentos de quem vendeu

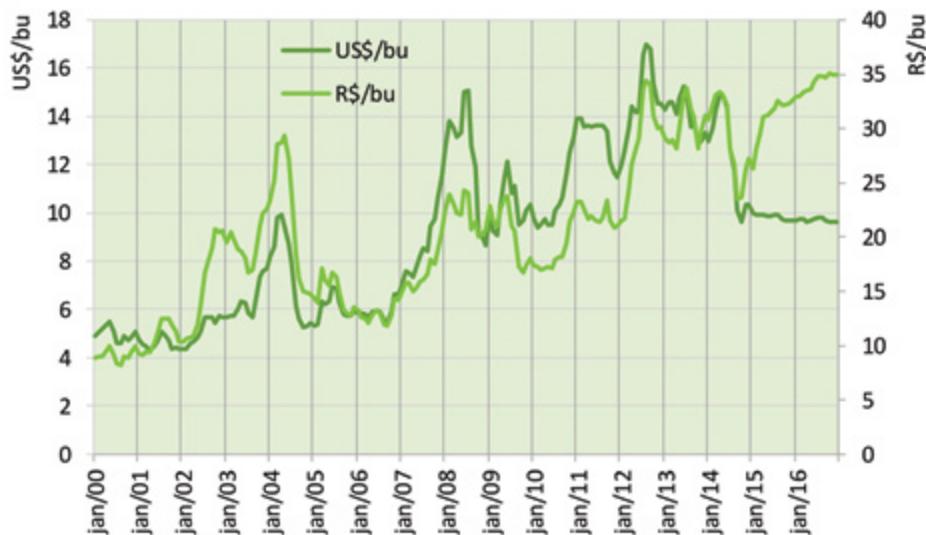
soja no início do ano no mercado internacional.

Em fevereiro, o preço em dólar da soja negociada em Chicago havia caído 34% em relação a 2014. Passando de US\$ 31,62 por saca para US\$ 20,79 em 2015. Porém, paralelamente o dólar subia vertiginosamente em relação ao real o que garantiu aos produtores brasileiros ganhos significativos em reais. A conta é simples: O produtor que comprou insumos para a safra 2014/15 com um dólar a R\$ 2,43, vendeu o grão em Chicago a um dólar a R\$ 3,10. “Se estivesse com o dólar a R\$ 2,40 como no ano passado, o produtor estaria vendendo a soja abaixo de R\$ 40,00”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Botelho.

Nesse episódio, vale lembrar a frase do consultor da MBAgro, Alexandre Mendonça de Barros, durante a posse da nova diretoria da FAEP em março deste ano “O desequilíbrio macroeconômico brasileiro salvou a safra”. É verdade. A pergunta agora é se esse mesmo desequilíbrio não vai condenar a próxima safra.



Preço de soja em Chicago: US\$ x R\$



Fonte: CME. Preparado por: MBAgro

No gráfico acima, enquanto os preços em Dólar despencam os preços em Real aumentam

Medalha a um bandoleiro

Stédile recebe medalha da Inconfidência e provoca protestos



Desde 1952, sempre no dia 21 de abril, são condecoradas personalidades com a Medalha da Inconfidência, em solenidade realizada na colonial Ouro Preto (MG). Ela possui quatro designações: Grande Colar (Comenda Extraordinária), Grande Medalha, Medalha de Honra e Medalha da Inconfidência e foi criada quando Juscelino Kubitschek governava Minas Gerais. É uma solenidade com pompa e circunstância, mas no último dia 21 foi diferente. Quando o atual governador mineiro, o petista Fernando Pimentel anunciou um dos 141 agraciados, os apitos, as vaias e o panelaço aumentaram sem que a música oficial conseguisse abafar os protestos.

Além do governador, o alvo era João Pedro Stédile, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No lastro do currículo ou folha corrida de Stédile, gaúcho de Lagoa Vermelha, 61 anos, estão impunes barbaridades cometidas e acobertadas pelo PT e pelo governo federal. Dilma recebeu Stédile e seus “companheiros” no Palácio do Planalto; Lula, anteriormente, além de receber os mesmos personagens, posou para fotos com o boné do Movimento. Historicamente, como um bando de foras-da-lei, atropelam direitos, cometem crimes, destroem pesquisas, tudo

em nome de uma suposta “revolução socialista”.

Em fevereiro passado, num ato “em defesa da Petrobras”, Lula declarou: “Quero paz e democracia, mas também sabemos brigar. Sobretudo quando o Stédile colocar o exército dele nas ruas”. A resposta do “general” Stédile foi imediata. No mês seguinte o MST iniciou uma onda de invasões a fazendas, agências bancárias e órgãos públicos, com bloqueios de estradas e destruição de propriedades e de laboratórios. No mesmo período os caminhoneiros bloquearam rodovias e sobre eles veio a carga da Força Nacional, curiosamente não convocada para reprimir as badernas do MST. A condecoração de Stédile gerou protestos em todo o país e a devolução de medalhas recebidas por brasileiros homenageados anteriormente.

Pior que o soneto

Stédile é produto da salada de facções do PT que disputam o usos e frutos dos nacos do poder e estarão reunidas no 5º Congresso Nacional do partido, em Salvador, de 11 a 14 de junho. Há alguns dias uma delas a “Articulação de Esquerda” publicou o seu “Caderno de Teses” com o sugestivo título: “Um Partido para Tempos de Guerra”. São 324 páginas, 53.140 palavras em 7.558 linhas, um calhamaço onde abertura diz o seguinte:

- O Partido dos Trabalhadores está diante da maior crise de sua história. Ou mudamos a política do Partido e a política do governo Dilma; ou corremos o risco de sofrer uma derrota profunda, que afetará não apenas o PT, mas o conjunto da esquerda política e social, brasileira e latino-americana.

A emenda é pior que o soneto. No longo catatau, o objetivo estratégico “é o socialismo”; a criação de mais empresas estatais; mudanças na política agrícola e na estrutura agrária; o controle da mídia, e por aí vai. Tudo em nome do “fortalecimento econômico, político e cultural da classe trabalhadora assalariada”.

Há 12 anos, quando assumiu o poder, o PT já prometia isso. A Petrobras, BNDES, contas públicas, inflação alta, os maiores juros do mundo, apoio aos companheiros bolivarianos, resumem a ópera. Bufa.

Retratos da Agropecuária Paranaense



A revista de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Agroanalysis publicou, em sua edição de abril, um Caderno Especial sobre a agropecuária do Paraná. A revista é respeitada por oferecer informações precisas e relevantes para a tomada de decisão no agronegócio. Em suas edições mensais o leitor encontra matérias sobre meio ambiente, ciência e tecnologia, mercado internacional, legislação, pesquisa e desenvolvimento, negócios, cadeias produtivas, conjuntura econômica e setorial, entre outros assuntos.

A imparcialidade e seriedade com que a informação é tratada, assim como a qualidade de seus artigos, fazem da Agroanalysis uma das mais importantes publicações formadoras de opinião voltada para o setor.

Este Boletim Informativo inicia a reprodução das matérias publicadas pela Agroanalysis nesta edição e prosseguirá na duas próximas em relatos e estatísticas sobre o setor agropecuário do Estado.

Agropecuária no Estado do Paraná

O Estado do Paraná contribuiu com 5,84% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, com a quinta maior economia do país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2013). Com exportações de US\$ 16,3 bilhões, foi também o quinto maior exportador com 7,26% das exportações brasileiras, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Já o agronegócio participou com quase 77% nas suas exportações. Esses números se referem a 2014.

A estrutura fundiária, composta de 532.840 propriedades rurais, apresenta uma característica muito peculiar: 87% delas são unidades com áreas inferiores a 50 hectares, mas de representatividade expressiva 49% nas lavouras, sendo 28% nas temporárias e 21% nas permanentes, 27% nas criações animais e 26% no total.

Paraná uso da terra.

Em milhões de hectares

Finalidade	Área	Part %
Lavouras	7,00	35,0
Pastagens	5,50	28,0
Vegetação Nativa	4,39	22,0
Cultivos Florestais	0,86	4,0
Áreas urbanas	0,22	1,0
Represas	0,25	1,0
Outros usos	1,79	9,0
Total	19,99	100,0

Fontes: IBGE, SEMA/IAP, SBS. 2006

Observação: as matas nativas (1,6 milhões de hectares) somadas com as 68 unidades de conservação estaduais (1,2 milhões de hectares) e 10 federais (3,9 milhões de hectares), correspondem a 34,0% do território paranaense.

Com clima tropical, subtropical e temperado, o Estado pode desenvolver uma agropecuária muito diversificada e pujante, orientada para a montagem de arranjos produtivos locais não somente focado na produção rural, mas também na indústria, comércio e serviços. O sistema cooperativista, com uma participação de 51% na produção estadual, teve uma participação estratégica na montagem desse processo.

A tradição agropecuária enraizada ao longo do tempo ganhou força e consolidação na atividade econômica geral. Para isso, a adesão da produção intensiva colaborou com a escala de produção. Baseada na pesquisa, desenvolvimento e inovação, esse modelo levou muito treinamento e qualificação dos recursos humanos.

Paraná: Produção e ranking das principais culturas na safra 2014/15

Cultura	Unidade	Produção	Ranking	Part%
Trigo	Milhões t	3,7	1º	63,0
Feijão	Mil t	771	1º	23,0
Cevada	Mil t	191	1º	61,0
Soja	Milhões t	17	2º	18,0
Milho	Milhões t	14,5	2º	18,0
Mandioca	Milhões t	3,7	2º	17,5
Aveia	Mil t	137	2º	43,0
Cana-de-açúcar	Milhões de t	43,0	3º	8,3
Laranja	Mil t	976	3º	5,5
Etanol	Bilhões de lt	1,6	5º	6,0
Café arábica	Milhões sc 60 kg	1,0	6º	2,3

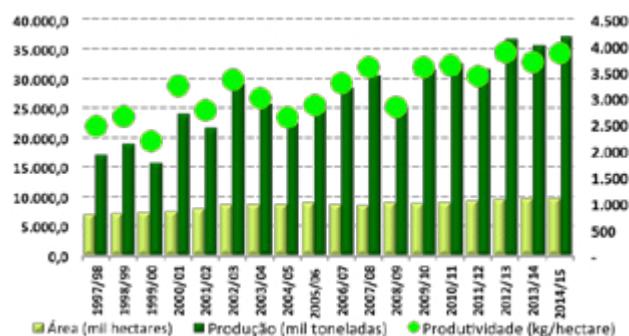
Fonte: CONAB (*) 60 quilos

Na verdade, o Paraná sempre teve desempenho de destaque de uma forma ampla na agropecuária, com cadeias produtivas ranqueadas em posições de liderança no país. Na área de grãos, por exemplo, apesar de ter apenas 2,5% do território nacional, a sua participação é de 18% da produção total, conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

De fato, o cultivo paranaense de grãos mostra uma curva ascendente no período de 1997 a 2014: a expansão foi de 116% em produção e 38% área, com ganho de produtividade de 57%. Trata-se de um comportamento de crescimento e desenvolvimento sustentável, que permitiu uma poupança de área próxima a três milhões de hectares para a manutenção e defesa da fauna e flora.

Essa majoração da produtividade possui como fundamento a inserção de tecnologia nos processos de produção da agropecuária. É o resultado do emprego de boas práticas conservacionistas na manutenção do solo e nos tratos culturais para as plantas. Tudo isso aliado à maior capacidade e aptidão para o negócio por parte dos produtores rurais.

Paraná: Produção e área cultivada de grãos



Na verdade, considerado como um dos berços modernos da produção agropecuária nacional, o Estado do Paraná registra marcas pioneiras de inovação e sucesso para viabilizar o setor no país em moldes tropicais. É o caso da implantação das técnicas revolucionárias e inéditas do sistema de plantio direto na palha do Brasil. Hoje, ela está empregada em mais de 35 milhões de hectares.

Os desafios recentes para manter a agropecuária sustentável colocam na agenda da condução da propriedade rural a intensificação da fixação biológica de nitrogênio, a expansão da floresta plantada e os tratamentos de dejetos animais. As primeiras receptividades na adoção desses processos já aconteceram e principiaram no Paraná, assim como a complementação da renda rural pelo uso da energia limpa e renovável (biocombustíveis, biodigestores, biofertilizantes e a bioirrigação, dentre outras).



ENTREVISTA COM ÁGIDE MENEGUETTE, PRESIDENTE DA FAEP E DO CONSELHO DO SENAR-PR

O agronegócio tem sido constantemente citado como o setor que tem sustentado a economia brasileira, e o Paraná é um dos protagonistas, com sua base tradicionalmente agrícola. Qual é o cenário para os próximos anos?

O Paraná é um Estado com vocação agrícola e um grande exportador; basta verificar sua posição no ranking de proteína animal e grãos. Estamos produzindo mais e com mais qualidade. O crescimento de produtividade dos últimos anos tem sido constante e acima da média nacional.

Para mantermos essa posição nos próximos anos, precisamos aliar o avanço científico e tecnológico a uma modernização da gestão da propriedade. Seguindo a tendência de outros países que são grandes produtores mundiais, teremos que reduzir custos e trabalhar de forma racional para que a propriedade continue viável.

Temos que melhorar a nossa eficiência. Temos produtores de soja que estão utilizando novas tecnologias, produzindo com médias superiores a 65 sacas por hectare. Estes produtores terão melhores condições de sobrevivência

mesmo diante da situação econômica adversa que fez com que o preço da saca fosse menor do que o comercializado na safra passada. Isso exige cada vez mais qualificação, e é aí que entra o papel do SENAR-PR de capacitar o trabalhador e o produtor rural.

O que poderia ser destacado como evolução da agricultura nos últimos anos?

Os motivos do crescimento vão desde novas tecnologias, passando por genética com novas cultivares, até aumento da produtividade via mecanização, o que pressupõe capacitação. Certamente que nesta área o SENAR-PR deu sua contribuição para tal ganho de produtividade. Hoje, o Brasil é um grande agente fornecedor, e, no Paraná, que teve sua fronteira agrícola toda ocupada, a produtividade vem sendo a grande alavanca da produção.

A qualificação da mão de obra acompanhou esse desenvolvimento? Como o SENAR-PR tem se preparado para atender essa demanda?

Não basta a tecnologia se não houver alguém preparado para colocá-la em prática; um profissional com capacidade de pensar antes de tomar decisões, de forma planejada.

Acredito que vamos passar por uma transformação muito grande no agronegócio nos próximos anos. Precisamos preparar uma nova geração com consciência de que temos que trabalhar. É por isso que, nos últimos anos, estamos investindo numa Formação Profissional Rural, buscando a empregabilidade e a manutenção das famílias no campo, para que o produtor use a tecnologia a seu favor.

A cada ano, a população rural tem diminuído, com os jovens sendo atraídos para a cidade. A sucessão familiar é uma das preocupações para a manutenção das propriedades rurais. Como lidar com isso?

Nosso entendimento é que, se o filho do produtor avaliar que a propriedade é um bom negócio, naturalmente se sentirá atraído por esse objetivo. É pensando assim que muitos jovens estão se formando e voltando para o campo, para gerenciar o negócio da família.

O SENAR-PR tem dois programas importantes voltados para a juventude: o Jovem Agricultor Aprendiz e o de Aprendizagem de Adolescentes e Jovens, com a finalidade de prepará-los para as atividades na propriedade.

Uma das preocupações constantes é sobre o crescimento populacional em relação à produção de alimentos. O Brasil é sempre apontado como um grande celeiro. Até que ponto temos condições de suprir essa demanda?

O Paraná é um Estado com aproveitamento de sua área agrícola. Ainda temos muito a crescer, aumentando nossa produtividade por meio de novas tecnologias onde é possível.

Ainda há muita tecnologia disponível e que precisa ser bem utilizada, principalmente em relação à fertilidade e à conservação dos solos.

O produtor rural pode comprar as máquinas e os equipamentos mais modernos e caros do mundo, mas o seu capital mais importante continuará sendo a sua terra. É nela que ele produz, e é dela que ele tira o sustento de sua família.

Entendemos, ainda, que o produtor deve, paralelamente às suas atividades econômicas específicas, exercer o papel de protagonista de ações de proteção do meio ambiente nas propriedades e nas comunidades onde vive.

O bom uso do solo e a preservação das fontes hídricas nas propriedades – em especial, a proteção de nascentes – valorizam a propriedade e

umentam a produtividade. É por isso que trabalhamos em parcerias.

Uma delas é com o governo do Estado no programa Plante Seu Futuro, de boas práticas agrícolas.

Precisamos diversificar em busca de produtos com maior valor agregado. O Paraná tem 532 mil propriedades rurais, em sua maioria representadas por pequenas e médias. A nova agricultura tem que se adaptar ao tamanho delas para manter o homem no campo com boa renda. É o caso da avicultura e da pecuária de leite que atendem esses produtores.

O Paraná tem muito ainda a se desenvolver e tem muitas alternativas econômicas. Mas, tudo isso precisa ser feito de forma planejada, pensada, e é por isso que investimos tanto em programas como o Empreendedor Rural e cursos de gestão da propriedade.

Nenhuma tecnologia surtirá efeitos sem que consigamos obter o melhor dos recursos humanos que dispomos.



O REGISTRO DE NASCIMENTO

Para relatar o descobrimento do Brasil ao Rei, Pero Vaz de Caminha usou 27 páginas e 7.760 palavras



Dia 1º de maio, além dos trabalhadores, marca a data em que há 515 anos Pero Vaz de Caminha terminou de escrever a “Carta de Achamento do Brasil”. No português daquele tempo descobrimento era “achamento”.

Caminha tinha 50 anos quando embarcou na caravela de Pedro Álvares Cabral. Havia nascido na cidade do Porto em 1450 em mês e dia desconhecidos e morreu oito meses depois, em 15 de dezembro de 1500, em Calicute (Índia). Antes disso herdara do pai o cargo de mestre da balança da Casa da Moeda, com a função de tesoureiro e escrivão. Casou-se com Dona Catarina e teve uma filha, Isabel. A “Carta de Achamento” foi escrita em Porto Seguro, entre 26 de abril e 2 de maio de 1500 e ele só interrompeu o trabalho no dia 29, quando ajudou o capitão-mor a reorganizar os suprimentos da frota.

Caminha caprichou no relato de 27 páginas de papel, com formato de 29,6 cm X 29,9 cm - que a nau de Gaspar de Lemos levou às mãos de Dom Manuel I, rei de Portugal. O resto da frota (12 naus) seguiu para a Índia. O documento foi declarado

secreto, pois se queria evitar que chegasse aos espanhóis a notícia do descobrimento e foi esquecido durante os séculos seguintes.

Somente em 1773, o diretor do arquivo da Coroa portuguesa, José Seabra da Silva, mandou fazer uma nova cópia da “Carta do Achamento” e ela foi enviada para o arquivo nacional, localizado na Torre do Tombo do Castelo de Lisboa.

Supõe-se que Seabra tenha colocado essa cópia da carta nos baús de cargas, que em 1808 a família real portuguesa de Dom João VI trouxe ao Rio de Janeiro. Essa cópia foi encontrada no Arquivo da Marinha Real do Rio de Janeiro pelo padre Manuel Aires do Casal, que a imprimiu em 1817, tornando-a pública pela primeira vez. O documento ganhou particular importância para o Brasil com a Independência, em 1822.

Especialistas que analisaram o português do início do século 16, bem distante do português de hoje, dizem que o texto de Caminha não é de um simples burocrata. “Sua linguagem nunca é seca ou mesquinha. Pelo contrário, Caminha se dá o

direito de ser bem-humorado, fazendo até trocadilhos e brincadeiras ao comparar o corpo das índias com o das mulheres portuguesas”, relatam.

A carta na verdade apresenta um duplo valor histórico. De um lado, tem a importância de ser o registro documental do descobrimento ou da entrada do Brasil na história universal, constituindo uma espécie de certidão de nascimento do nosso país.

Para o novo país, trata-se do manuscrito que encerra o primeiro registro de sua existência. Além disso, no século 19, com o desenvolvimento dos estudos históricos, os estudiosos reconheceram o valor dos documentos escritos como fontes privilegiadas para o conhecimento da história.

“BEIJO AS MÃOS DE VOSSA ALTEZA”



Com essas palavras, Pero Vaz de Caminha encerrou o texto da carta a D. Manuel I anunciando que o fazia “deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de

1500”. São 7.769 palavras no português da época que exigiu “traduções” de várias palavras. Sobre o encontro com os índios que receberam a frota de Cabral, Caminha descreveu:

- Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha, quase tiveram medo dela, não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.
- Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora.
- Trouxeram-lhes vinho numa taça, mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma albarrada (espécie de vaso no português de Portugal). Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.
- Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beijos. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beijos furados e nos buracos uns espelhos de pau.
- E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.
- Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.
- Se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a

Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade.

- Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária (animal irracional), que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam.
- Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.
- Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.
- Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.



A alternativa para áreas declivosas

Produtores propõe adaptações e elogiam lançador de insumos para pastagens

Por Katia Santos



Dia de Campo promovido por Paulo Parmegiani em Sapopema

O Advogado e produtor rural há 13 anos, Paulo Parmegiani, de Sapopema, Norte do Paraná, encontrou nas páginas deste Boletim (edição 1273) uma solução tecnológica para as áreas declivosas (como são chamadas as de relevo acidentado) na sua propriedade. A matéria tratava de um implemento agrícola que, acoplado a um trator, lança calcário, gesso, adubo orgânico (cama aviária) ou químico e sementes de forrageiras em áreas declivosas.

“Quando li a matéria entendi que essa máquina é uma verdadeira revolução para a pecuária no Paraná. No meu caso, tenho duas fazendas e metade da área é declivosa. Com ela espero dobrar a área de pastagens e a produção de carne em áreas declivosas”, afirma Parmegiani.

As fazendas, Primor e Nossa Senhora da Glória, tem cada uma 360 hectares onde o produtor, devido à geografia, não consegue aproveitar todo o potencial produtivo. Ao adquirir o equipamento no final do ano passado, Parmegiani fez um cronograma de trabalho: análise de solo, correção do solo aplicando adubo orgânico (cama aviária) e em seguida a sobressemeadura de aveia preta e avevém.

Para fazer a sementeira, ele organizou em dezembro um dia de campo com a participação de 40 produtores, entre vizinhos e amigos, na sua propriedade. O funcionamento do implemento foi acompanhado pelo próprio fabricante, o catarinense Laércio Vegini (veja páginas 17 e 18), que deixou a pequena Massaranduba (SC) e se deslocou até Sapopema.

“Após 90 dias os resultados são visíveis e excelentes, o equipamento funciona muito bem. A declividade na minha propriedade varia de 35 a 40º graus e o equipamento funciona com toda segurança nessas áreas com alto rendimento e bom desempenho”, diz.

Para ampliar a produção de animais por hectare, o produtor está investindo no aumento da produção de alimento para o rebanho, principalmente no inverno. Nesse sentido ele elaborou uma estratégia para fazer o plantio de aveia e azevém com a máquina, até o final de abril.

“Elaborei um projeto piloto para uma área experimental de 36 hectares. Vou aguardar a previsão de chuvas para o fim do mês e programar a sobressemeadura, mas de um jeito diferente. Após as chuvas vou jogar as sementes – envolvidas em pó de serra e colocar um número grande de animais na área, para que eles possam pisotear e ajudar no aprofundamento dos grãos, por um período de 48 horas. Espero as plantas crescerem e com uns 15/20 dias coloco adubo orgânico. Espero que os resultados atinjam minhas expectativas”, informa.

Além da produção de bovinos Puros de Origem (PO) Nelore Tradicional as fazendas produzem animais de cruzamento industrial meio sangue Aberdeen Angus (de origem europeia, conhecida pela precocidade a alta qualidade da carne). As propriedades têm estrutura de cabanhas para reprodução de animais selecionados de cavalos da Raça Crioula tanto para competição e trabalho e também produz Mini-horses (mini-cavalos).

O produtor também é diretor do Sindicato Rural em Sapopema e cede sua propriedade para a realização de cursos do SENAR-PR em Doma Racional de Equinos, Rédeas, Casqueamento, Ferrageamento e outros. “Tenho como valor o cooperativismo e procuro colocar em prática essa forma de trabalho. Sempre que é possível contribuo com os produtores da região, dividindo informações e tecnologias”, finaliza.

Para a administração das propriedades o produtor rural conta com o apoio de sua esposa, Ana Eliza, que também é advogada, escritora e empresária do ramo de transporte rodoviário de cargas.

Made in Massaranduba

A simpática e bem cuidada Massaranduba, pouco mais de 15 mil habitantes, no Nordeste de Santa Catarina, é chamada de “capital catarinense do arroz”. Além do companheiro do feijão no prato, apenas a visão das vastas plantações ao redor da cidade entram nas atividades de Laércio Vegini. Desde guri seu negócio são os implementos agrícolas, fruto da fábrica familiar deixada de herança pelo pai, em 2003.

No ano passado, disposto a farejar novos negócios, ele viajou perto de 700 quilômetros e instalou exemplares de suas máquinas da AG Metal entre as montadoras gigantes que participam do Show Rural. Uma feliz coincidência o levou até



O produtor Paulo Parmegiani e sua esposa Ana Eliza com produtores vizinhos

o estande onde estava engenheiro-agrônomo e pesquisador do Iapar, Elir de Oliveira. Foi a fome com a vontade de comer.

Ocorre que Elir pelo Iapar, a Comissão de Bovinocultura de Corte da FAEP, sindicatos rurais e outras instituições (*) buscavam algo capaz de ajudar na recuperação de pastagens degradadas em Áreas Declivosas.

Vegini desenvolveu o primeiro modelo da máquina em 2002 e concluiu o projeto sete anos depois. Em 2010 redirecionou o projeto para os bananicultores, que precisavam de um equipamento para lançar insumos nas áreas acidentadas e multiplicou os modelos de produtos numa área de 1.700 metros quadrados.

Das conversas iniciais no Show Rural ficaram acertadas demonstrações do equipamento. Laércio define o equipamento como “um transportador e lançador de calcário, montado sobre um eixo, que pela força do trator movimenta uma turbina (soprador), produzindo a pressão para o arremesso lateral do produto podendo atingir até 30 metros”. Mais fácil seguir a expressão creditada a São Tomé e “ver para crer”.

Vegini resolveu investir e bancou o transporte enviando, em abril do ano passado, duas máquinas para serem testadas em oito propriedades na região Oeste do Paraná. “Foi um trabalho de parceria, eu não sabia se ia dar os resultados esperados pelo pesquisador, mas resolvi investir na ideia”, conta.

Logo surgiram algumas demandas e a necessidade de algumas adaptações. Ao todo foram três:

- 1) Alteração na inclinação do bico do dosador;
- 2) Aprimorar a dosagem do dosador, devido ao peso diferenciado dos produtos que são utilizados na máquina
- 3) Alterar a calha que vai dentro da máquina para que o produto não entupa durante a aplicação.

Ajustes feitos, a Comissão de Bovinocultura da FAEP organizou um Dia de Campo em agosto, em Guaraniaçu, onde os produtores visitaram uma área recuperada e a máquina em funcionamento. Os depoimentos dos produtores confirmam as qualidades funcionais do equipamento.

Multifuncional, a máquina está sendo utilizada por produtores de erva-mate no Rio Grande do Sul, de peixe em Rondônia e de café no Espírito Santo. Como os negócios estão se ampliando, Vegini terceirizou alguns serviços, direcionou o trabalho dos funcionários para a montagem dos kits dos produtos principais da linha de produção. “E eu saí em busca de parceiros, como dizem por aí, um ‘public relations”.

Confiando no taco, aos usuários ele dá a garantia de que se o equipamento não funcionar podem devolver. Ainda se responsabiliza pelo transporte e faz uma entrega técnica na propriedade. “Tudo como manda os conformes”, diz ele.

Mais informações pelo email: comercial@agmetal.com.br ou pelo telefone (47)3379-1996.

(*) O projeto experimental tem a participação do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Comissão de Bovinocultura de Corte da FAEP, sindicatos rurais, Coopavel e conta também com o apoio da EMATER, Conselho de Medicina-Veterinária (CRMV) e Associação dos Engenheiros Agrônomos de Cascavel (AREAC).



O empresário Laércio Vegini ao lado do equipamento agrícola utilizado nas áreas declivosas

Aliança Láctea se reúne em Porto Alegre

Na pauta, a IN 62 e o pagamento pela qualidade do leite



A melhoria da qualidade do leite e a profissionalização da cadeia produtiva estiveram no centro dos debates da terceira reunião técnica da Aliança Láctea Sul Brasileira, realizada quinta-feira (23), na sede da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), em Porto Alegre. O encontro reuniu os secretários de Agricultura e lideranças do agronegócio de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná para tratar dos parâmetros técnicos para o leite e da criação de um programa de remuneração pela qualidade do produto.

Entre as proposições dos grupos de trabalho está avaliar a Instrução Normativa 62 (IN 62), que regulamenta a produção, identidade, qualidade, coleta e transporte do leite tipo A, leite cru refrigerado e leite pasteurizado. Os integrantes da Aliança Láctea defendem planos e normas mais adequados à realidade dos produtores do Sul do país e que possam ser implementados.

Com relação ao pagamento pela qualidade do leite, o secretário adjunto da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, Airton Spies, afirmou: “Queremos estabelecer mecanismos para que o leite melhor seja bem pago e para que o leite ruim seja

desvalorizado por não ter a qualidade necessária para o mercado”. O presidente da Comissão do Leite da Farsul e do Conselheiro-RS, Jorge Rodrigues, lembra que a intenção não é interferir nas políticas de remuneração das indústrias, mas criar parâmetros que possam ser usados nos três Estados do Sul, inclusive pelas empresas menores.

Outra questão debatida no encontro foi a diferença tributária entre Estados do Sul e demais entes da Federação. “O sonho é que tivéssemos os mesmos tributos”, disse o secretário paranaense, Norberto Ortigara, que admitiu que hoje isso não é possível.

Juntos, os três Estados produzem cerca de um terço do leite brasileiro. “Hoje somos maiores do que a Argentina em produção de leite. Temos de nos preparar para não apenas abastecer o mercado interno, mas também participar do mercado internacional”, afirma o coordenador-geral da Aliança Láctea Sul Brasileira, Ronei Volpi. A próxima reunião da Aliança Láctea Sul Brasileira será em julho, em Florianópolis (SC).

Seguro: indefinição do governo ameaça produção

Recurso estimado em 2015 para trigo é 32% menor que ano passado e ainda não há previsão de seguro com subvenção para milho segunda safra



O Comitê Gestor Interministerial do Seguro Rural – CGSR, se reuniu no último dia 24 para definir as regras de utilização dos recursos para o primeiro semestre de 2015 no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural - PSR, coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). As principais culturas que deveriam entrar na pauta do encontro eram o milho segunda safra e as culturas de inverno, principalmente o trigo.

O resultado da reunião era aguardado no Diário Oficial da União até 28/04, mas a resolução não foi publicada. Prevalece a indefinição quanto às regras para milho segunda safra, apesar de essas medidas serem esperadas há mais de três meses. Os produtores rurais têm reclamado que há um enorme atraso das medidas em relação ao calendário agrícola, pois o milho de segunda safra já foi totalmente implantado e em torno de 10% da área do trigo foi semeada no Paraná.

Informações preliminares da reunião do Comitê são de que o governo aprovou apenas R\$ 90 milhões para a cultura de trigo, valor 32% menor do que o liberado em 2014, de R\$ 133 milhões. No ano passado os recursos foram suficientes para cobrir 1,28 milhão de hectares, ou seja, 47,2% da área de trigo do país. Com a redução de recursos para R\$ 90 milhões é estimado que a área com seguro seja reduzida para 850 mil hectares.

No entanto, não houve deliberação no Comitê sobre as regras para definir valores para o milho de segunda safra, levando incerteza aos produtores, bancos, corretores de seguro, as cooperativas e seguradoras. Anualmente os produtores contratam o seguro de milho de segunda safra e desde o começo do programa nunca tiveram problemas com a liberação dos recursos.

Conforme informações junto aos corretores de seguros serão necessários R\$ 60 milhões em subvenção ao prêmio para milho segunda safra em 2015 para atender mais de 5.000 produtores que já contrataram o seguro. Caso o recurso não seja liberado, as companhias de seguro podem cobrar do produtor a parte que o governo não arcar com a subvenção ao prêmio.

Vale lembrar que em 2014 o programa atendeu 8.235 produtores de milho da segunda safra com subvenção de R\$ 72 milhões. São produtores que tradicionalmente contratam seguro e que não podem ficar sem a subvenção, pois a taxa média do prêmio para essa cultura de alto risco é de 16,2%, incompatível

com os custos de produção, daí da necessidade do aporte de recursos do governo federal no programa para pagar parte do prêmio e fomentar a massificação do seguro rural no país.

A FAEP tem solicitado ao governo federal a previsibilidade e estabilidade do programa de seguro agrícola, por meio do estabelecimento de política de longo prazo com a garantia de aplicação dos recursos estimados no Plano Trienal e de um cronograma de liberação de recursos considerando o calendário agrícola. Depois de dez anos de funcionamento do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural – PSR não é razoável interromper o programa para milho ou a demora na definição de regras e liberação dos recursos.

Para a FAEP, o seguro com subvenção precisa ser ofertado quando o produtor está contratando o financiamento de pré-custeio nos bancos e planejando a compra dos insumos, mas isso dificilmente ocorre, caracterizando um entrave ao desenvolvimento do mercado de seguro rural, conforme já relatado pelo Tribunal de Contas da União em auditoria realizada em março de 2014.

Ofício do presidente da FAEP, Ágide Meneguette, cobrando recursos para o seguro de milho segunda safra foi encaminhado aos ministérios da Agricultura, Planejamento, Casa Civil e Fazenda. Além disso, o documento foi enviado ao Secretário de Política Agrícola do MAPA, Instituto Pensar Agro (IPA) e à Susep.



Ovinocultura “made in” Nova Zelândia

Zootecnista mostra porque a ilha é modelo na produção de ovinos

Por Hemely Cardoso / Fotos NZ Arquivo Pessoal Rodolpho Botelho



Integração entre bovinos e ovinos em Taupo Volcanic Zone (Nova Zelândia)

Maior exportadora de carne de cordeiro no mundo, a Nova Zelândia é referência quando se trata da ovinocultura. É o que mostrou o zootecnista Bruno Santos, da empresa neozelandesa AbacusBio, durante a reunião da Comissão de Ovinocultura e Caprinocultura, no último dia 13 de abril, em Curitiba. Naquele país, o rebanho soma 31 milhões de ovelhas (matrizes) e concentra 58.068 propriedades rurais, com um tamanho médio de 248 hectares.

O sistema de produção na Nova Zelândia (NZ) é baseado exclusivamente em pastagens com sistemas de produção que se adequam de acordo com a localização, regime de chuvas,

temperatura e relevo. A ovinocultura nesse país é uma atividade estabelecida e opera em conjunto com a bovinocultura de corte (3,69 milhões de cabeças), produção de cervos (1,69 milhões de animais) e a bovinocultura de leite (6,59 milhões de bovinos). “Nenhuma propriedade na Nova Zelândia trabalha somente com ovelhas. Isso ocorre por causa do manejo da pastagem, a diversificação de atividades e a diminuição de riscos”, observou Bruno. Hoje, 44% das propriedades neozelandesas trabalham com ovinos e bovinos.

Segundo ele, o rebanho encolheu nos últimos 35 anos, quando chegou a somar 70 milhões de cabeças, no entanto, nesse



Propriedade Rural próxima à cidade de Te Anau na Nova Zelândia

mesmo período, ocorreu um incremento de 87,5% na produtividade da atividade. No país são abatidos 21,3 milhões de cordeiros por ano e 4,3 milhões de animais adultos, alcançando a 382 mil toneladas e 105 mil toneladas, respectivamente. A ovinocultura gera uma receita de aproximadamente de \$ 3 bilhões (dólar neozelandês que hoje está cotado a R\$ 2,00) na Nova Zelândia. Noventa e oito por cento da carne produzida é exportada para mais de 100 países, entre eles a China e o Reino Unido.

Manejo

No encontro, Bruno mostrou o desempenho médio da atividade através de estatísticas oficiais, além de um estudo de caso em uma propriedade neozelandesa. Nessa fazenda, a idade de desmame girava em torno de 90 dias, com um peso médio de 32 quilos, sendo que nesse período o animal ganhava um peso médio de 300 gramas por dia. Os animais são geralmente abatidos em torno de 150 dias, com peso médio de 18 quilos e sem suplementação alimentar com grãos. No país predomina a produção a pasto, e devido à sazonalidade na produção de forragens, a suplementação alimentar no inverno é feita com pastagens conservadas na forma de feno, produzidas durante o verão.

Segundo o zootecnista, há mais de 20 variedades da forrageira azevém (considerada a braquiária neozelandesa) e diversas variedades de trevo. A raça que predomina é a Romney (diferente da Romney Marsh que temos por aqui) e os melhores produtores trabalham com uma média de 10 animais por hectare.

Preço

Em geral, segundo Bruno, os produtores recebem entre \$ 80 e \$ 100 dólares por cordeiro. No momento do abate há uma tipificação e classificação de carcaça. “Ninguém manda um cordeiro ao frigorífico sem saber o quanto vai receber e sem saber o que está mandando”, comentou.

De acordo com ele, as carcaças são classificadas conforme a distribuição de músculo, osso e gordura e o produtor recebe por essa classificação. “Todas as carcaças que passam pela planta de abate são escaneadas por máquinas que tiram várias imagens (VIAscan) em tempo real. Essa classificação melhora a remuneração ao produtor”, contou.

Durante a reunião, Bruno apresentou um estudo da empresa Beef + Lamb New Zealand – instituição formada por produtores, que monitora propriedades e faz levantamentos com custos de produção em todas as regiões da NZ - mostrando que, hoje, os bons produtores estão conseguindo uma receita de \$1,7 mil dólares por hectare, com um lucro líquido entre \$300 e \$400 dólares por hectare.

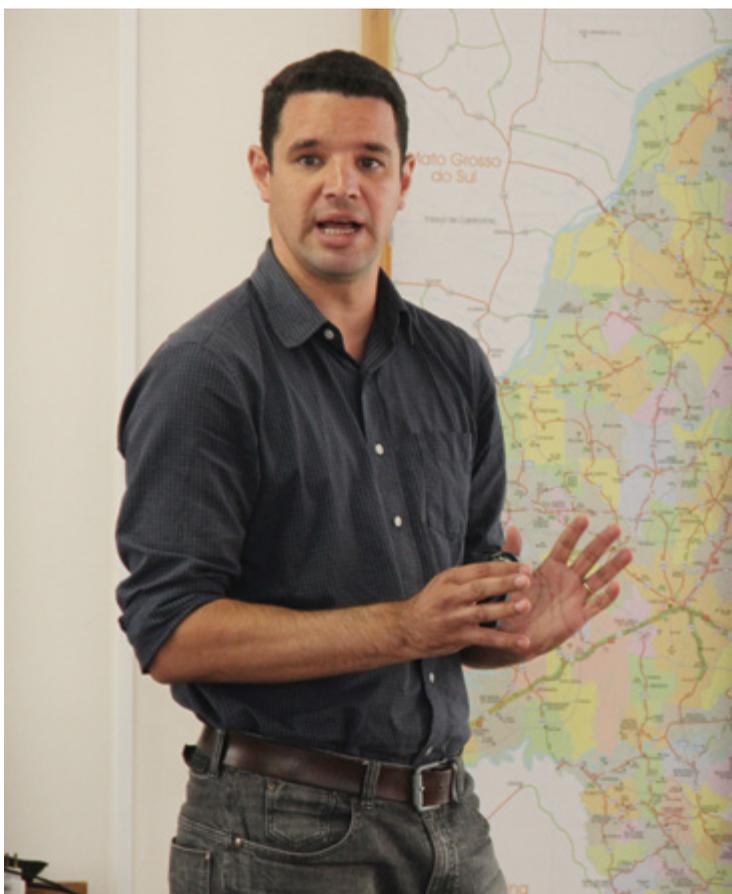
Melhoramento genético

Diferente do que ocorre no Brasil, onde praticamente não há programas em melhoramento genético, a Nova Zelândia desenvolve pesquisas de alto nível quando se trata do assunto.

No país, um estudo avaliou o retorno financeiro em todos os elos da cadeia produtiva com investimentos em melhoramento genético. A pesquisa apontou que \$44 milhões de dólares investidos em cinco anos de pesquisa e desenvolvimento em genética deram um retorno de cerca de \$786 milhões. “Isso denota a importância do melhoramento em toda a cadeia, do produtor ao consumidor, melhorando a produção e a qualidade da carne ovina. Com o investimento em melhoramento genético você consegue aumentar a produtividade. É o que falta para organizar a atividade no Brasil”, avaliou Bruno.

Além disso, no país, todo o rebanho comercial é identificado e tem seus índices produtivos monitorados. Há um registro de produção de todas as matrizes e essas informações são enviadas a um banco de dados de nível nacional. Com esse monitoramento, o produtor neozelandês tem acesso aos índices do rebanho, como a taxa de nascimento dos cordeiros, o peso de nascimento e a produção de quilos de cordeiro por ovelha. Bruno explicou que os machos são submetidos a testes de progênie (uma metodologia que avalia o valor genético dos reprodutores pelo desempenho de suas filhas: progênies) antes de entrarem em reprodução.

Dessa forma, o produtor pode escolher um animal que atenda as necessidades de melhoramento do seu rebanho. Por exemplo, se ele quiser incrementar a produção de leite ou a habilidade materna de seu rebanho é possível escolher um animal que tenha desempenho comprovado para essas características. Isso ocorre a partir da análise de um catálogo de animais que contém os resultados da Diferença Esperada de Progênie (DEPs) de reprodutores. Com isso é possível direcionar o melhoramento genético do todo o rebanho, aumentando o desempenho produtivo, gerando mais renda ao produtor e maior oferta da carne no mercado.



Bruno: “O Brasil precisa investir em melhoramento genético para organizar a ovinocultura no país”

Números

No Brasil o rebanho soma 18 milhões de ovinos e o plantel paranaense concentra 529 mil cabeças, segundo dados da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). Enquanto o consumo da carne é de 10 quilos per capita ao ano na Nova Zelândia, por aqui é de 700 gramas.

Comissão Técnica de Caprinocultura e Ovinocultura

A Comissão vem trabalhando sistematicamente para mudar a cara da ovinocultura no Paraná. No último dia 13 de abril, produtores e técnicos discutiram os principais gargalos da atividade no Estado durante reunião na sede da FAEP, em Curitiba (BI 1298). Entre eles, o melhoramento genético de ovinos no Paraná, onde ainda não há estudo acerca do assunto. Diante desse desafio, o professor Victor Breno Pedrosa, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), disse que vai apresentar um projeto sobre melhoramento genético no próximo encontro da Comissão, no dia 15 de junho.

Encontro

No dia 8 de maio será realizado o primeiro Encontro Mercadológico do Incentivo a Ovinocultura/Floresta, em Ponta Grossa, na Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa (ACIPG). O objetivo é apresentar aos produtores as inovações tecnológicas que podem ser utilizadas na cadeia produtiva de ovinos. O evento está sendo organizado pela UEPG, com o apoio da ACIPG e da FAEP. As inscrições custam R\$ 80,00 para produtores e técnicos e R\$ 40,00 a estudantes. Informações: (42)3220-7234 – graziela@acipg.org.br

O plástico feito de alimentos

Imagine embrulhar um alimento em um plástico filme comestível sabor manga, ou então uma embalagem com sabor de cenoura que pode ser descartada sem agredir o meio ambiente, pois se dilui na água. Hoje esses produtos são uma realidade, resultado de nove anos de pesquisa da Rede de Nanotecnologia Aplicada ao Agronegócio (AgroNano) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Segundo José Manoel Marconcini, um dos coordenadores da pesquisa, hoje estes produtos são produzidos em escala piloto, com possibilidade de serem produzidos em escala industrial. O caminho para chegar até este resultado incluiu uma parceria com o Agriculture Research Service (ARS) do United States Department of Agriculture (USDA) “Dessa pesquisa saíram diversas teses de mestrado e de doutorado, é um conjunto de pesquisas que ao longo desses anos chegou a esta tecnologia”, explica.

Segundo ele, no início era preciso uma semana para produzir o plástico filme de alimentos. “Hoje esse processo é feito em poucos minutos”, conta Marconcini. A matéria prima utilizada é vasta, já foram testados vegetais como espinafre, mamão, goiaba, tomate, maracujá, manga e muitos outros, cada um empresta ao produto final seu aroma e sabor, além das qualidades nutricionais. “Em teoria é possível obter o filme plástico da maioria dos alimentos” afirma o pesquisador.

De acordo com a Embrapa, os alimentos, usados como matéria prima do filme, passam pelo processo de liofilização – tipo de desidratação em que, após o congelamento do alimento, toda a água contida é transformada do estado sólido diretamente ao gasoso, sem passar pela fase líquida. O resultado é um alimento completamente desidratado, mas com propriedades nutritivas.

Até o momento, todos os alimentos que foram testados como matéria-prima tiveram resultados positivos. Segundo Marconcini, o prazo de validade varia de acordo com o alimento utilizado na fabricação da película, mas existem filmes que já têm dois anos e continuam em boas condições.

A resistência mecânica desses produtos ainda não é tão grande quanto a do plástico comum, mas a evolução é constante. As possibilidades para o uso destes materiais também é vasta: Aves envoltas em sacos que contêm o tempero em sua composição, sachês de sopas que podem se dissolver com seu conteúdo em água fervente, goiabadas vendidas em plásticos feitos de goiaba, são algumas possibilidades imaginadas pela equipe da Embrapa para aplicar a nova tecnologia. Nos EUA, onde o uso comercial destes materiais está mais avançado, já existem produtos que substituem a alga usada no preparo de sushi (bolinho de arroz).

“Outra vantagem é que os resíduos gerados durante o processamento dos alimentos – que normalmente são descartados – podem ser aproveitados para fazer o plástico filme”, observa o pesquisador. Como exemplo, ele cita as cenouretes, mini cenouras que são torneadas até ficarem de um mesmo tamanho. “Essa tecnologia permite um melhor aproveitamento dos alimentos”, finaliza Marconcini. Soma-se a isso, o fato de serem produtos biodegradáveis. Enquanto o plástico convencional pode levar até 450 anos para se decompor, o plástico de base vegetal se dilui em água.



Mobilização para a aprovação da Lei da Integração

Produtores rurais e lideranças paranaenses vão mobilizar seus representantes no Congresso Nacional em prol do Projeto de Lei nº 6459



A Comissão Técnica de Avicultura da FAEP esteve reunida no último dia 28, durante a realização da Feira Internacional de Produção e Processamento de Proteína Animal (Fippa), no Exptrade Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba. Os avicultores discutiram os preços regionais praticados pelas agroindústrias no Estado; a apresentação do último levantamento de custos de produção feita pelo consultor da FAEP, Ademir Giroto, e referendaram a mobilização dos avicultores em prol da aprovação do Projeto de Lei nº 6459, que define as regras para os contratos de integração entre produtores rurais e agroindústrias.

Simultaneamente a reunião da Comissão de Avicultura da FAEP aconteceu à reunião da Comissão Nacional de Aves e Suínos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Após referendo ao texto, o presidente da Associação Brasileira de

Avicultores Integrados (Abai), Fernando César Ribeiro, apresentou o texto do artigo 4º inciso VII da Lei nº 6459 aos paranaenses.

Ele explicou que a entidade está trabalhando com os avicultores em todo o Brasil no sentido de que esses peçam apoio dos parlamentares que representam suas respectivas regiões e aprovem o texto original quando este entrar na pauta de votações do Congresso Nacional.

“Nossa expectativa é que dentro de um a dois meses essa votação aconteça e para isso precisamos que os avicultores mobilizem seus deputados e senadores para conseguirmos a aprovação do texto original (veja na página 27). A discussão desse projeto de lei foi intensificada nos últimos quatro anos. Em 2014 tivemos um recuo da agroindústria, mas os produtores integrados precisam dessa lei e é nesse sentido que estamos trabalhando”, diz Ribeiro.

O presidente da Abai afirmou que a instituição já confirmou o apoio ao projeto de lei de 234 deputados federais e da Frente Parlamentar da Agricultura.

No encontro estadual estavam presentes cerca de 40 avicultores de várias regiões do Paraná. Já na reunião da Comissão Nacional foi registrada a presença de representantes de várias entidades entre elas: Confederação Nacional da Agricultura, Associação Brasileira de Criadores de Suínos (Abcs), Associação Paranaense de Suínos, Associação de Criadores de Suínos de Santa Catarina, Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, Federação da Agricultura de Minas Gerais, Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul, técnicos e pesquisadores da Embrapa - Aves e Suínos No Paraná aproximadamente 15 mil famílias dependem da avicultura para obtenção de renda e no Brasil são 50 mil famílias que estão ligadas diretamente a cadeia produtiva.

Levantamento de custos

A apresentação do levantamento dos Custos da Avicultura e Viabilidade Econômica feita pelo consultor Ademir Giroto relatou os dados de oito regiões produtoras: Chopinzinho; Dois Vizinhos; Cascavel; Toledo; Ubatã; Cianorte; Londrina e Castro.

“Nessa rodada registramos um aumento da participação de representantes da agroindústria nas reuniões. Cinco dos oito encontros tiveram a presença das integradoras (Chopinzinho, Dois Vizinhos, Cascavel, Toledo e Londrina). Isso é muito positivo, pois mostra a importância do levantamento. Outro fator foi o aumento do custo da energia elétrica no custo da produção. Esse peso será mais significativo, pois existem novos reajustes previstos para as tarifas de energia no segundo semestre”, completa.

Giroto também registrou uma grande oscilação no preço pago pelo frango ao produtor no Estado inclusive diferenças significativas dentro de alguns municípios.

Integra do texto do artigo 4º Inciso VII do Projeto de Lei nº 6459

“Visando assegurar a viabilidade econômica, o equilíbrio dos contratos e a continuidade do processo produtivo, será observado pelo integrador que a remuneração do integrado não seja inferior ao custo de produção de cada ciclo, definido pela respectiva CADEC, desde que atendidas às obrigações contidas no contrato.”

Presença feminina



Entre os avicultores presentes na reunião da Comissão Técnica da FAEP uma presença feminina, Jaqueline Furigo Bossi, 22 anos, do município de Chopinzinho. Junto com o marido Everton Rodrigo Bosi, 27 anos, tocam a atividade de avicultura na pequena propriedade familiar de 32,2 hectares. Atualmente o casal mantém um aviário onde produzem 28,8 mil aves. Mas estão ampliando a capacidade de produção com a construção de dois aviários – cada um com capacidade de abrigar 31,8 mil aves de corte do tipo griller (28 dias). Para a ampliação eles buscaram um financiamento junto ao Banco do Brasil que tem carência de dois anos e prazo para pagamento de oito anos.

Casada há cinco anos Jaqueline conta que trocou o emprego de bancária na cidade para viver no campo. “É uma vida mais tranquila. A avicultura é uma atividade que tem seus momentos bons e ruins, mas estamos acreditando e por isso resolvemos ampliar o número de galpões. Foi a primeira vez que visitamos uma feira do setor, valeu a pena, tem muita tecnologia. É bom saber o que o mercado oferece em termos de recursos para melhorar a produção”.

O planejamento de ampliação dos aviários do casal começou em uma conversa de Everton com seu pai após a análise dos resultados da avicultura. “Chegamos a um impasse - ou modernizávamos a atividade ou parávamos”, diz. Formado em Gestão do Agronegócio pela Unicentro Everton tem na gestão e no gerenciamento os grandes aliados para manter a propriedade rentável.

Além da avicultura, a família mantém a produção de leite com um planejamento rigoroso. Os pais de Everton é que tocam a leiteria, atualmente a propriedade conta com 28 vacas em lactação e 80 novilhas. “Já perdi a conta de quantos cursos do SENAR-PR já fiz nessa área. Nossa meta é produzir mil litros/dia, falta pouco, pois já temos as novilhas”, completa.

Da feira eles levam um desejo de consumo: um aquecedor com lenha peletizada. “É um equipamento caro e muito mais moderno do que temos, mas traz muitas vantagens. Vamos trabalhar para pode comprar um dia”, finaliza Everton.

JAA - Colégio Agrícola Monitor

SENAR-PR cria uma nova versão do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) para alunos do último ano dos Colégios Agrícolas

Por Katia Santos



Turma de Campo Mourão que participou do projeto piloto em 2014

Uma nova versão do Programa Jovem Agricultor Aprendiz-Colégio Agrícola Monitor (JAA-CA) foi implantado esse ano em três regionais do SENAR-PR – Umuarama, Campo Mourão e Ponta Grossa, em conjunto com os Colégios Agrícolas. O curso trabalha com as vocações produtivas de cada região e tem a proposta de aprofundar a formação do participante no tema gestão rural. Além do incremento na formação dos jovens o novo curso também cria oportunidades para o mercado de trabalho, pois o aluno recebe um certificado de monitor. Ele é direcionado aos alunos que estão finalizando o curso de Técnico Agrícola.

O JAA-CA tem carga horária de 240 horas, sendo que um quarto desse tempo - 60 horas - será direcionado a gestão desenvolvendo aptidões nos tópicos: trabalho em equipe, liderança, gestão de pessoas e cidadania. Estarão envolvidos com o curso 13 instrutores de acordo com a aptidão regional.

“O Programa JAA já utiliza uma metodologia lúdica e novo curso traz mais dinamismo com aulas em simuladores, o que amplia a assimilação de conteúdos técnicos pelos participantes. Conseguimos esse diferencial com a participação e colaboração dos parceiros”, explica a pedagoga e técnica do SENAR-PR, Regiane Hournung.

Em Campo Mourão onde foi realizado um piloto do curso em 2014, o SENAR-PR conta com a parceria da Coamo, que disponibiliza a Fazenda Experimental da cooperativa para que os alunos possam participar de visitas técnicas.

“Não existe uma faculdade de agronomia que tenha esse foco. O curso é como uma especialização de luxo que permite aos jovens, após a conclusão, atuar na propriedade da família ou trabalhar como prestador de serviços para outros produtores rurais”, afirma Marcelo Sumya, gerente de Assistência Técnica da Coamo.



Alunos, professores e parceiros em Umuarama

Na Fazenda Experimental os alunos poderão visualizar o passo a passo do cronograma de manutenção de máquinas agrícolas modernas e com versões atualizadas, que são operadas por um funcionário habilitado da cooperativa. Com os pulverizadores verão como deve ser feita a calibragem da máquina e como o uso correto dos defensivos pode contribuir para o aumento da produtividade no campo e a proteção ao meio ambiente e conservação de solo.

“A Fazenda Experimental é um espaço de excelência onde os alunos do JAA-CA terão a possibilidade de receber conteúdo diferenciado, conhecer versões de máquinas agrícolas atualizadas e desenvolver uma visão gerencial da propriedade rural. Sem dúvida uma oportunidade que deve ser bastante valorizada. A Coamo participa desse projeto por acreditar que essa integra-

ção é uma forma de contribuir para o desenvolvimento social”, finaliza Sumya.

O diretor pedagógico do Colégio Agrícola de Campo Mourão, Amarildo Affonso, conta que a parceria com o SENAR-PR foi muito boa. “Hoje a procura por mão de obra especializada é muito grande por parte das empresas, mas temos uma limitação de indicar os alunos, pois quase 90% dos concluintes ainda não têm 18 anos. Esse novo curso com certeza aprimora e muito a formação dos alunos”, diz.

As aulas do JAA-CA em Campo Mourão começaram no último dia 17 de abril.

Cana-de-açúcar

Em Umuarama o parceiro no JAA-CA é a Unidade Costa Bio Energia da Usaçúcar. Para o supervisor administrativo dessa unidade, Ágide Eduardo Perin Meneguette esta união de forças é importante para que os alunos saiam capacitados e preparados para o mercado de trabalho. “É importante lembrar que o programa foi criado para qualificar os jovens para o mercado de trabalho. Se ao final do curso eles tiverem interesse e atenderem aos requisitos necessários para a contratação, à empresa tem, sim, vontade de reter esta mão de obra qualificada”, comenta.

De acordo com o supervisor as empresas têm buscado investir no capital humano com treinamentos e cursos de capacitação para fazer com que sua equipe esteja adequada às necessidades impostas pelo mercado. “Essa postura tem sido consenso em todas as atividades deste de agricultura até as empresas de tecnologia”, completa.

Para a diretora do Colégio Agrícola de Umuarama, Danila Zago, o novo curso do SENAR-PR vai ajudar os alunos a desenvolverem a parte técnica e o conhecimento específico da cadeia da cana como também uma visão mais ampla do agronegócio e do mercado de trabalho.

“Por mês recebemos cerca de três pedidos de empresas para indicarmos ex-alunos para cargos específicos. Na nossa região a maioria dos jovens que se formam e tem 18 anos já saem empregados. Um exemplo é que das cinco vagas oferecidos no último concurso para o cargo de técnico da Emater, três serão preenchidas por nossos ex-alunos”, revela Danila.



Alunos, professores e parceiros em Ponta Grossa

Ponta Grossa

As aulas do novo curso do SENAR-PR começaram no último dia 09 no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas (CAAR) de Ponta Grossa. Essa unidade é a única no Paraná que é regida por uma universidade a Estadual de Ponta Grossa. O reitor, Carlos Luciano Sant’Ana Vargas, participou da aula inaugural dos cursos e destacou a preparação dos alunos para os exigentes espaços do mercado de trabalho.

Trinta dos 90 alunos que concluem o 2º Grau no CAAR participam do curso do SENAR-PR. O diretor, Jair Bueno, explica que houve uma seleção dos alunos levando em conta as notas; idade; comportamento e desempenhos em outros estágios. “Levamos em conta também a afinidade do aluno com a área de atuação, pois a procura por novos talentos é grande por parte das empresas, mas nosso limitador ainda é a idade do formando”.

Em Ponta Grossa as empresas parceiras do SENAR-PR são Basf, Tratornew e a Castrolanda. O diretor comercial da Tratornew, Fabio Castro, não esconde o interesse da empresa na mão de obra especializada que está sendo formada. “Como parceiros vamos disponibilizar três simuladores utilizados na agricultura de precisão para que os alunos possam aprimorar seus conhecimentos na área. Acreditamos que esses jovens ao final do curso, atendendo os critérios de contratação, possam vir a se

tornar nossos colaboradores”, afirma.

Nas três regionais os parceiros em comum são os Núcleos Regionais da Secretaria de Estado da Educação e os sindicatos rurais.

REGIONAL SENAR-PR	Nº DE TURMAS	Nº DE PARTICIPANTES	CERTIFICAÇÃO REGIONAL
Campo Mourão	02	32	Monitor de Mecanização grãos
Ponta Grossa	01	15	Monitor de Mecanização de grãos
Ponta Grossa	01	15	Monitor de Precisão na agricultura
Umuarama	02	33	Monitor de Produção Agrícola de Cana-de-açúcar

Legislação

Prorrogação no seguro rural

A Resolução 4.408, de 23 de abril de 2015, do Banco Central, prorrogou para 01/07/2016 a entrada em vigor da obrigatoriedade de contratação de modalidade de seguro rural ou de Proagro para operações de crédito de custeio a juros controlados.

A decisão atendeu reivindicação da FAEP, uma vez que o volume de recursos do programa do seguro rural não tem sido suficiente para atender a totalidade dos produtores e porque se faz necessário aprimorar as coberturas de seguro rural de algumas culturas.

Conforme a Resolução, até 30/6/2016, a obrigatoriedade aplica-se às operações de custeio agrícola vinculadas ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e a partir de 1º/7/2016, a obrigatoriedade será aplicada a todas as operações de custeio agrícola.





Dúvida - O Luiz Carniel informou que o simpático casal aí da foto são de "periquitos", mas pelo tamanho parecem ser papagaios, como são da mesma família....Carniel fez a foto em uma árvore de Marmeleiro (PR).



Uratau - Confira. A foto mostra um Uratau, ave que utiliza muito bem sua plumagem para se camuflar. Normalmente se confunde com um pedaço de madeira, um galho de árvore ou mesmo troncos partidos ou em pé. Costuma ficar estático, não se assusta facilmente. Alcança até 37 cm fora a cauda. Richard Hennig o descobriu e fotografou no Sítio São Pedro, em Loanda (PR), do produtor Aparecido José Dias.



"Lindo" - Micheli Barros da Silva estava na propriedade do seu pai Osvaldo Barros da Silva, em Joaquim Távora (PR), quando percebeu que estava diante de uma grande imagem. "Tirei essa foto porque achei o céu deslumbrante... Muito Lindo!!", disse ela.



Bananas - A Maria Izabel França Baptista fotografou o produtor Sebastião Evangelista na sua propriedade, em São Jerônimo da Serra (PR), com dois cachos de "rechonchudos" cachos de bananas. Segundo ela, o cacho maior produziu 18 pencas num total de 260 bananas.

Atualizar é preciso

FAEP propõe atualização do Zoneamento Agrícola de Risco Climático



O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou no último dia 24 um ofício ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) solicitando a atualização das portarias que definem o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC). Acompanha o ofício um anexo com propostas de adequação das portarias, que permitem aos agricultores identificar em cada município a melhor época de plantio das culturas, nos diferentes tipos de solo e ciclos de cultivares, reduzindo os riscos relacionados aos fenômenos climáticos.

A FAEP solicita também ao MAPA a retomada dos estudos baseados em pesquisa científica especializada para a atualização constante das portarias do ZARC. É com base nessas portarias que os produtores rurais acessam com maior facilidade o crédito rural para culturas contempladas com o ZARC e têm acesso a contratação o Proagro e o Seguro Rural.

No ofício, a FAEP lembra que a adequação do ZARC à nova realidade foi viabilizada pelos avanços tecnológicos da genética que vem disponibilizando cultivares mais adequadas e específicas

para plantios em épocas que atendam as particularidades de solo e clima em áreas delimitadas dentro dos municípios.

Nos últimos quatro anos o total de cultivares contempladas com zoneamento no Brasil estagnou em 44 culturas.

No Paraná há culturas que atualmente não são contempladas pelo zoneamento agrícola, como, por exemplo, algumas frutíferas e o arroz irrigado. Outro exemplo é o milho segunda safra que mesmo apresentando produtividades elevadas numa faixa que compreende 20 municípios nas regiões Oeste e Noroeste na divisa com Mato Grosso do Sul, não está contemplado com o ZARC. Os ciclos dessas novas cultivares permitem excelentes resultados de produção em épocas diversas das atualmente recomendadas pelo zoneamento.

As propostas estão no link: <http://www.sistemafaep.org.br/faep-solicita-ao-mapa-atualizacao-zoneamento-agricola-parana.html#sthash.OyewODlv.dpuf>

Resumo das Propostas

1. **TRIGO** - Antecipação do plantio de trigo ciclo médio para 21 de março em Cascavel.
2. **TRIGO** - Ampliação da janela de plantio na região Pato Branco.
3. **TRIGO** - Prorrogação por um decêndio do período de plantio no município de Prudentópolis passando a vigorar entre 11 de maio a 10 de julho.
4. **CEVADA** - Inclusão dos municípios de Arapoti, Jaguariaíva, Sengés e Ventania no zoneamento agrícola de risco climático como aptos para o cultivo da cevada no Paraná.
5. **SOJA** - Antecipação do período de semeadura de soja em Cascavel para 21 de setembro.
6. **SOJA** - Antecipação da época de plantio em Pato Branco.
7. **SOJA** - Antecipação da época de plantio em Campo Mourão, Mamborê e Campina da Lagoa.
8. **MILHO 2ª SAFRA** - Prorrogação do período de plantio no município de Mamborê com início em 1 de janeiro e término em 28 de fevereiro.
9. **MILHO** - Inclusão na 2ª safra na região Noroeste.
10. **FEIJÃO** - Prorrogação do período de plantio no município de

Pato Branco de feijão 2ª safra com período entre 1 de janeiro a 20 de fevereiro.

11. **FEIJÃO** - Prorrogação do período de plantio de feijão de 2ª safra no município Prudentópolis, passando para entre os dia 21 de dezembro a 20 de fevereiro.
12. **ARROZ** - Desenvolvimento de estudos para o zoneamento agrícola de risco climático para a cultura de arroz irrigado no Paraná.
13. **AMEIXA** - Inclusão do município de Congonhinhas como apto para o cultivo de ameixa.
14. **ABACAXI** - Incluir os meses de julho e agosto como aptos para o plantio de abacaxi no município de Santa Izabel do Ivaí.
15. **BANANA** - Inclusão do município de São José dos Pinhais como apto para o cultivo de banana.
16. **MARACUJÁ** - Inclusão do Município de Prudentópolis como apto para o cultivo de maracujá.
17. **CAQUI** - Realizar estudo para zoneamento da cultura do caqui no Paraná.
18. **MANGA** - Realizar estudo para zoneamento da cultura da manga no Paraná.
19. **CAFÉ** - Inclusão do município de Arapoti como apto para o cultivo de café.

Nota

Recursos Hídricos

O diretor financeiro do Sistema FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, participou no último dia 23 de abril do evento Capacitação na Gestão de Recursos Hídricos para o Setor Agropecuário, realizado em Ponta Grossa. A reunião, promovida pelo Instituto Águas do Paraná com o apoio do Sistema FAEP, teve como objetivo esclarecer os participantes sobre as políticas de recursos hídricos. Outras edições voltadas ao setor agropecuário devem ser realizadas em Londrina e Toledo.



Deputada verde pede prorrogação do CAR

A deputada federal paranaense Leandre Dal Ponte (PV) ocupou a tribuna da Câmara dos Deputados no último dia 29 para fazer um apelo à ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, para que prorrogue o prazo de inscrição dos produtores rurais no Cadastro Ambiental Rural (CAR). A parlamentar também encaminhou um ofício à ministra solicitando o adiamento do prazo, que se encerra no próximo dia 05 de maio.

A voz de Leandre soma-se à da FAEP e a de milhares de produtores de todo país, que estão encontrando diversas dificuldades para concluir o cadastramento, que é realizado através de um software específico do ministério.

Segundo a deputada o prazo estipulado não é suficiente para que todos os produtores efetuem o CAR com sucesso.

“No nosso Estado, o Paraná, composto em sua maioria por pequenas propriedades, segundo a Federação da Agricultura do Paraná, até o momento somente 14% dos produtores conseguiram se inscrever no CAR”, afirmou.

De acordo com a parlamentar, dentre as dificuldades encontradas pelos produtores estão a falta de acesso à internet e a grande quantidade de termos técnicos contidos no cadastramento, o que dificultaria o entendimento de muitos usuários.

A deputada alerta para os graves prejuízos que irão

incidir sobre a economia caso o prazo do cadastramento não seja estendido. Além de prorrogar o prazo, Leandre pede à ministra que promova uma campanha explicativa para facilitar o entendimento da medida, não só pelos agricultores mas por toda a sociedade.



InpEV recolhe embalagens no Oeste

Os produtores rurais da região Oeste do Paraná poderão entregar embalagens vazias de defensivos agrícolas no período de 05 a 29 de maio. Ao todo são 23 ações que foram programadas pelo Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV). A entrega das embalagens acontecerá em pontos próximos às propriedades rurais como forma de promover a devolução destes resíduos pós-consumo ao Sistema Campo Limpo (logística reversa de embalagens vazias de agrotóxicos). O inpEV estima que 80 toneladas de embalagens serão entregues.

Todo material será levado para a central de recebimento de Palotina (PR), gerenciada pela Associação Regional Oeste Paranaense de Distribuidores Defensivos Agrícolas (Ardefa), e posteriormente encaminhado para a destinação final, reciclagem ou incineração. O inpEV representa a indústria fabricante de defensivos agrícolas para a destinação das embalagens vazias de seus produtos.

A ação, que tem a parceria do inpEV, do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e do Instituto das Águas no Paraná, é uma realização da Ardefa. Para mais informações, o agricultor pode ligar no (44) 3649 6692 ou enviar um e-mail para palotina@embalagensvzas.org.br



Diretora da Unesco recebe material do Agrinho

A diretora da Divisão de Ciências da Água e secretária do Programa Hidrológico Internacional da UNESCO, Blanca Jiménez-Cisneros esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, no último dia 24, onde recebeu do superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Netto o kit do novo material didático do Programa Agrinho.

A especialista recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2007 por sua participação no Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU e recentemente escreveu o prefácio dos livros do Programa Agrinho destinados aos professores.

Natural do México, ela destacou a importância de iniciativas como o Agrinho para preparar uma nova geração mais consciente e mais responsável. “É um programa muito importante pelo seu impacto na capacitação e premiação dos professores. É um dos enfoques mais efetivos por ter uma constante repercussão

entre as pessoas impactando a população. É um formato recomendado pela Unesco e pelo Programa Hidrológico”.

Considerado o maior programa de responsabilidade social do Sistema FAEP, desenvolvido nas escolas do Estado, o Agrinho investe na formação das crianças, mediante temas transversais ao currículo normal, preparando um cidadão consciente.



Oficinas para rotulagem de frutas e hortaliças

O Sistema FAEP, em parceria com Fetaep, Ceasa e Emater, promoverá oficinas dirigidas a produtores e profissionais da assistência técnica, sobre o tema “Rotulagem de Frutas e Hortaliças in natura: Informações e Operacionalização da Resolução Sesa nº 748/2014”, o palestrante será o técnico Marcos Andersen da Secretaria de Saúde do Estado.

O objetivo das oficinas é informar e esclarecer dúvidas sobre a aplicação desta Resolução que entrará em vigor a partir do dia 1º de julho de 2015, regulamentando a obrigatoriedade de rotulagem dos produtos hortícolas in natura a granel ou embalados comercializados no Estado do Paraná.

DATA	HORÁRIO	MUNICÍPIO	PÚBLICO ALVO
13 DE MAIO 2015 (quarta-feira)	8h30 às 11h30	Auditório do Sindicato Rural Patronal Londrina	Técnicos ATER Público/Privado
	14h00 às 15h30	Auditório da Unidade de Londrina da Ceasa	Produtores e comerciantes
14 DE MAIO 2015 (quinta-feira)	8h30 às 11h30	Auditório da Unidade de Maringá da Ceasa	Técnicos ATER Público/Privado
	14h00 às 15h30	Auditório da Unidade de Maringá da Ceasa	Produtores e comerciantes
15 DE MAIO 2015 (sexta-feira)	8h30 às 11h30	Auditório do Sindicato Rural Patronal Cascavel	Técnicos ATER Público/Privado
	14h00 às 15h30	Auditório do Sindicato Rural Patronal Cascavel	Produtores e comerciantes
18 DE MAIO 2015 (segunda-feira)	8h30 às 11h30	Auditório da Unidade de Curitiba da Ceasa	Técnicos ATER Público/Privado
	14h00 às 15h30	Auditório da Unidade de Curitiba da Ceasa	Produtores e comerciantes

Dúvidas poderão ser esclarecidas por Elisangeles Souza pelo fone (41) 2169-7930 ou por e-mail: elisangeles.souza@faep.com.br

ARAPOTI



Reflorestamento

O Sindicato Rural de Arapoti realizou nos dias 10 e 11 de março o curso Trabalhador em Reflorestamento (matas homogêneas) - cultivo de eucalipto. Participaram 11 trabalhadores rurais com o instrutor Osmael Portela.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Transporte de cargas

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou vários cursos na área de Condutores de Veículos – DETRAN nas áreas de movimentação e operação de produtos perigosos – MOPP; transporte rodoviário coletivo de passageiros. Foram quatro turmas com cada uma com 30 trabalhadores, com o instrutor Rovani Dutra de Souza. Grande parte dos alunos são da Destilaria Americana, do município de Nova América da Colina, extensão de base do sindicato.

CAMPINA DA LAGOA



CAR

Em sua sede, o Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou no dia 08 de abril uma palestra sobre o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Estiveram presentes 90 produtores rurais, representantes da Prefeitura Municipal, das cooperativas Coagru, C. Vale e Sicredi, Banco do Brasil, e outros profissionais ligados à agricultura. O palestrante foi Osmael Portella.

CIANORTE



Fruticultura

Nos dias 09 e 10 de abril o Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Cocamar de Cianorte, realizou o curso Trabalhador na Fruticultura Básica, Clima Tropical – Básico em Clima Tropical. Participaram 11 produtores e produtoras rurais com a instrutora Cassia Helena Borghi de Barros.

NOVA AURORA



Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Nova Aurora realizou dois cursos de Trabalhador na Segurança no Trabalho – primeiros socorros. Na primeira, nos dias 24 e 25 de março, participaram 13 trabalhadores e nos dias 26 e 27 de março 12 trabalhadores. Nas duas turmas o instrutor foi Fernando Gonçalves.

PALOTINA



Homenagem as Mulheres

Na tarde do dia 20 de março, na sede do Sindicato Rural de Palotina, foi realizado um evento para homenagear as mulheres e esposas dos associados pela passagem do Dia da Mulher, comemorado dia 08 de março. As participantes assistiram uma palestra com o Padre Manoel de Pierre Primo com o tema Família.

NOVA LONDRINA



Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Nova Londrina, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, realizaram curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – integrado de Agrotóxicos – costal manual e tratorizado de barras – NR – 31, nos dias 13 a 15 de abril. Participaram 17 trabalhadores com o instrutor Paulo Roberto Marchesan.

SERTANÓPOLIS



Tratores

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas - NR 31 no período de 03 a 05 de fevereiro. Participaram 12 trabalhadores rurais com o instrutor Antônio Felipe Domansky dos Reis.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Açucareiros ambulantes

Os brasileiros consomem, em média, 200 gramas de açúcar refinado por dia. Agora faça as contas: em um mês, o consumo individual é de aproximadamente 6 quilos; em um ano, de 72 quilos. Isso significa que, ao chegar aos 40, uma pessoa pode já ter deixado passar por seu organismo algo em torno de três toneladas. Ou seja, no fundo, no fundo, somos um açucareiro.

Sinal vermelho

O sistema de freios dos carros de Fórmula 1 usa o mesmo conceito de um carro tradicional - um disco que, pressionado por uma pastilha, reduz a velocidade das rodas e, conseqüentemente, do carro. Devido as altas temperaturas os discos são feitos de carbono; nos carros de rua, os discos são predominantemente feitos de aço. Os discos trabalham a cerca de 650°C e podem passar dos 1000°C. Um carro de Fórmula 1 a 300Km/h leva cerca de 4 segundos para parar totalmente e a 200Km/h o carro leva apenas 2,9 segundos.



Melhorando o bafo

O cravo é originário das Ilhas Molucas, na Indonésia. O botão da flor, seco, é usado como especiaria desde a antiguidade, para aromatizar alimentos e para fins medicinais. Na China, o cravo era usado não só como tempero, mas também como antisséptico bucal. Para conversar com o imperador, o visitante tinha que mascar cravo para prevenir o mau hálito. No início do século XVI, um 1 kg de cravo custava 7 gramas de ouro.

Detonados



A lista de presidentes detonados do poder no Brasil é grande. Júlio Prestes foi vítima de golpe em 1930; Getúlio Vargas se suicidou em 1954; Café Filho foi deposto no mesmo ano; quarteladas tentaram impedir, em 1955, a posse de Juscelino Kubitschek no ano seguinte; Jânio Quadros renunciou em 1961; João Goulart foi deposto por um golpe militar em 1964; Costa e Silva teve um enfarto, em 1969, e seu vice, Pedro Aleixo, foi impedido, pelos militares, de substituí-lo; e, Fernando Collor sofreu um impeachment em 1992. Dilma, por enquanto, está ameaçada.

Gigantes de gelo

Eisriesenwelt, que em alemão significa “Terra dos Gigantes de Gelo” é a maior formação de cavernas de gelo do mundo. Fica na Áustria e estende-se por 42 quilômetros; a parte coberta de gelo e aberta aos turistas é de apenas 1 quilômetro. Escondida no alto dos Alpes austríacos as cavernas foram criadas pelas águas do Rio Salzach que passava por dentro das montanhas.

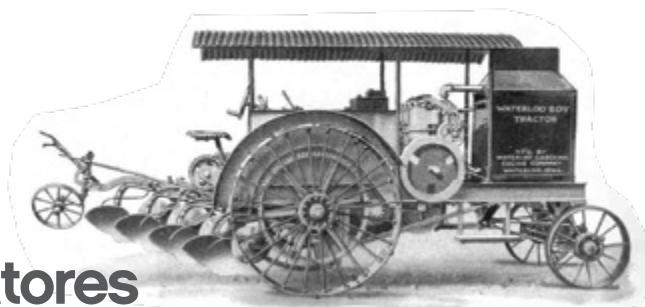
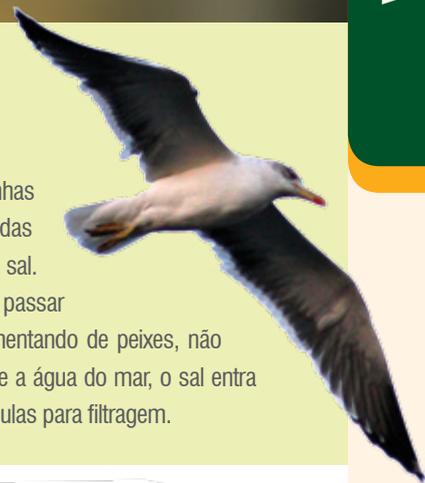
Sempre perto de você



A geladeira, liquidificador, elevador e, no futuro será comum nos veículos. É o velho e competente motor elétrico, onipresente, que foi descoberto, em 1822, meio sem querer pelo físico inglês Michael Faraday ao estudar a relação entre eletricidade e magnetismo.

Dessalinizadas

A maior parte do sal ingerido pelas aves marinhas é eliminada por um par de glândulas localizadas abaixo dos olhos, chamadas de glândulas de sal. Sem elas, esses pássaros, que chegam a passar meses em alto-mar, bebendo água e se alimentando de peixes, não conseguiriam sobreviver. Quando a ave ingere a água do mar, o sal entra na corrente sanguínea e é conduzido às glândulas para filtragem.

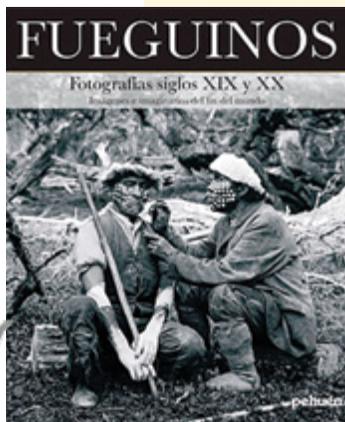


Tratores

Os primeiros tratores surgiram em 1892, usavam motores a vapor, eram fracos, e tinham rodas fininhas que afundavam na terra. O trator moderno foi criado pelo americano John Froelich, que inventou o primeiro modelo a gasolina e o batizou de “máquina de tração”. Mas um revendedor não gostou do nome e inventou uma palavra: trator.

Haja rede

Um atum azul de 342 quilos foi leiloado por preço recorde em 2011 no mercado de peixe de Tsukiji, em Tóquio, no Japão. Ele foi vendido por 32,49 milhões de ienes (cerca de US\$ 396 mil ou R\$ 1 milhão e 200 mil). Maior mercado de frutos do mar, do mundo, Tsukiji lida com mais de 400 tipos diferentes de frutos do mar de algas baratas ao caviar mais caro. São 700 000 toneladas de produtos que movimentam cerca de 5,9 bilhões de dólares (2013).



Confusão

No mundo, “Mamihlapinatapai” é a palavra mais difícil de definir o seu significado. Usada pelos fueguinos – habitantes da Terra do Fogo, que fica ao Sul da Argentina e Chile, seria “olhar para o outro na esperança de que ele se ofereça para fazer algo que os dois desejam, mas que nenhum dos dois é capaz de fazer”.

AS MELHORES ILHAS DO MUNDO

Sonhar não custa nada. Quem ainda não imaginou chutar o balde, deixar de vez esse mundo mau e globalizado, se ver livre de tantos “IS” como o de Renda, do IPTU, do IPVA, do ISS, do ITR etc e etc., e morar numa ilha deserta? O problema é que você não é Tom Hanks no filme “O Náufrago” que tem como jardim praias paradisíacas, araras coloridas e água de côco só mesmo em filme americano.

Talvez sabendo disso o site mundial de buscas na área de turismo Tripadvisor (<http://www.tripadvisor.com.br/>), levando em conta o número de avaliações positivas e negativas de turistas nos últimos 12 meses, elegeram quais são as 10 melhores ilhas do mundo para se conhecer.

O primeiro lugar ficou com Providenciales, localizada no arquipélago chamado Ilhas Turcas e Caicos – no Mar do Caribe. Na lista, o décimo lugar pertence à brasileira Fernando de Noronha. Como esta página é como uma ilha de pouco espaço, escolhemos a foto da mais atraente. **Fique à vontade.**

As 10 melhores ilhas do mundo:

1. Providenciales (Ilhas Turcas e Caicos)

2. Maui (Havaí)

3. Roatán (Honduras)

4. Santorini (Grécia)

5. Koh Tao (Tailândia)

6. Madeira (Portugal)

7. Bali (Indonésia)

8. Maurício (República de Maurício)

9. Bora Bora (Polinésia Francesa)

10. Fernando de Noronha (Brasil)

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____ Responsável
Em / / _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br